
DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

Discurso e Poder é um dos títulos do livro publicado pelo professor Teun A. van Dijk da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona (Espanha) que instiga o seu leitor a refletir sobre o papel discursivo das elites simbólicas que, na maioria das vezes, reproduzem e perpetuam a hegemonia do poder público social e a (re)conhecer a importante atribuição dos investigadores dos Estudos Críticos do Discurso que funcionam como dissidentes e/ou “delatores”, na medida em que questionam o modo como os que dominam o turno, independentemente de serem representados através de uma conversação, de uma fala racista, de um diálogo institucional, de um discurso nos tribunais, político e/ou midiático, dentre outras modalidades, se organizam para universalizar as ideologias, as crenças, os valores, as informações etc. das esferas públicas.

O autor, durante os oito capítulos que constituem a sua obra, explicita que as suas reflexões são ancoradas a partir das postulações teóricas da Análise Crítica do Discurso que investiga, principalmente, o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são materializados, reproduzidos e combatidos por discursos orais e escritos nos contextos social e político; ressaltando que os estudiosos da Análise Crítica do Discurso intencionam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se às desigualdades sociais. Destarte, DIJK tece seminiais considerações acerca das suas pesquisas relacionadas ao discurso racista, muitas vezes velado, mas intencional, reproduzido pelas elites simbólicas, isto é, aquelas elites que têm o discurso autorizado na sociedade. Observando que os textos produzidos por esses grupos “credenciados” camuflam certa naturalidade, na medida em que encenam uma simetria entre os sujeitos que, na verdade, faz parte de uma estratégia, já que nas relações sociais, a fortiori, o que se percebe é que as elites simbólicas manipulam a mente das pessoas, por meio do seu discurso, corroborando com o exercício do controle do poder público.



Postulando o discurso como um evento complexo que é materializado não só através de textos escritos e orais, mas também a partir de inúmeras manifestações semióticas, o autor aborda que a manipulação discursiva que o grupo dominante exerce em relação ao grupo dominado ocorre dentro de uma visão tridimensional, a partir de um liame entre discurso, cognição e sociedade. Baseando-se nessa premissa, Dijk reflete que, através de estratégias discursivas, argumentativas e retóricas o manipulador faz uso do seu discurso, a fim de “interagir” com o seu presumível público, persuadindo-o, controlando a sua mente e, conseqüentemente, doutrinando-o a tomar atitudes que coadunem com as suas ideias tendo como desdobramento esperado a cristalização das suas crenças que deverão ser incorporadas pela classe dominada.

Um dos tipos de recursos citado pelo autor, verificado a partir de suas pesquisas sobre o discurso racista que as elites simbólicas utilizam a fim de se apresentar como vítima e angariar a credibilidade da grande massa, é a estratégia semântico-retórica da autoapresentação positiva e a do outro – apresentação negativa que é manifestada, principalmente, em gêneros epidícticos. Isso é constatado quando a mídia, por exemplo, relata acontecimentos reais, todavia, maquiando a “verdade” dos fatos e oferecendo “provas” que induzem os leitores a acreditar nas suas narrações e a considerar a classe dominante como a sofredora das ações e dos “desrespeitos” dos dominados, logo, a partir desse viés, justificam-se todas as atrocidades, as arbitrariedades e as atitudes racistas das elites simbólicas.

A partir dessa ótica, o autor observa também que o discurso midiático dá sustentação ao poder público que, explicitamente, mantém a sua posição preconceituosa em relação aos imigrantes latinos em prol da defesa dos direitos dos cidadãos europeus. Esse tipo de manipulação implica o exercício de uma forma de influência deslegitimada por meio do discurso. Os manipuladores fazem os OUTROS acreditarem ou tomarem atitudes que satisfaçam os seus interesses e que são contrários às crenças dos dominados.

Abordando ainda as estratégias discursivas que foram observadas nas suas pesquisas e que a classe dominante utiliza como um pseudoargumento para isentar-se das suas arbitrariedades, Dijk destaca a negação que é detectada tanto em conversas informais, quanto em discursos públicos proferidos por políticos, dirigentes de grandes empresas, pela mídia, dentre outras esferas organizacionais. Esse tipo de recurso é eficaz porque as pessoas além de negarem, mitigarem ou desculparem os seus atos discriminatórios, objetivando ressaltar o seu cumprimento das leis e, conseqüentemente, reforçar o seu papel de cidadãs, responsabilizam o OUTRO pelas atitudes negativas enfatizando a sua postura antirracista.

Em razão das discussões que norteiam a supracitada obra, observa-se que ela constitui, portanto, uma importante manancial para pesquisadores dos diversos ramos do saber que se debruçam na análise investigativa de desigualdades sociais que são reproduzidas discursivamente pelos grupos dominantes com a intenção explícita e/ou implícita de institucionalização das suas

ideologias e, obviamente, do domínio das suas doutrinas e da legitimação do poder público social. Aliada a essa questão, o livro seduz os seus confederados a refletir sobre o seu papel no organismo social se opondo contra todas as manifestações abusivas de poder.

Fabiana Andrade Santos

Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus XX e mestranda em Letras do Programa de Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia sob orientação da Profa Dra. Iracema Luiza Souza.
fabianaandradesantos@yahoo.com.br

